

EVIDENCIANDO O FEMININO: O CORPO DA MULHER NO XIX POR MEIO DO OFÍCIO DA PARTURIÇÃO

Sara Fernanda Zan (PIC/UEM), Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), e-mail: zansaraf@gmail.com; chrfausto@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

História - História das Ciências

Palavras-chave: Ginecologia; Parteiras; História do Século XIX.

Resumo

Analisar o corpo feminino no XIX é tratar de um contexto altamente suscetível a novos saberes e disposições médico científicas. Por meio da fonte analisada, “Compêndio das doenças e outras indisposições das mulheres, para servir de guia as parteiras na arte dos partos” datado de 1830 no Rio de Janeiro, tratamos da condição feminina e seu estudo no período. Com a perspectiva de uma profissional especializada, por tratar de uma produção feminina e para mulheres, analisamos as pesquisas e visão do corpo feminino, sua anatomia, fisiologia e patologias específicas. Não obstante, focando no ofício da parturição, compreendemos o contexto em que essas parteiras estavam inseridas, suas incumbências e atribuições cuidado da saúde da parturiente e das mulheres. E concluindo, é abarcado a ascensão de uma área médica em desenvolvimento focada na saúde e cuidado das mulheres, a ginecologia e obstetria.

Introdução

A visão do feminino ao longo da história foi narrada por aspectos religiosos, políticos, e médicos geralmente apoiados na ideia de uma ordem natural, baseando o funcionamento do corpo da mulher nas leis da natureza, em comparação com o sexo oposto. Enquanto até o século XVIII as noções de sexos seguiam uma hierarquia evolutiva, sendo que o grau de perfeição seriam os homens e as mulheres estariam numa escala anterior. A partir do XIX a adoção das diferenças entre os sexos vigorou na constituição dos conhecimentos científicos, e acarretou na intensificação da busca por detalhamentos das divergências entre os sexos, e o funcionamento do corpo feminino. A mulher tornou-se antagonista do homem, ou complementar, e as concepções religiosas deram espaço para uma base científica englobando aspectos químicos, físicos e biológicos.

Durante séculos o corpo feminino e seus cuidados era campos ocupados majoritariamente por mulheres, as chamadas parteiras (midwives). Essas profissionais voltaram as atenções não só para gestação e o parto em si, mas para a

saúde da mulher. Era feito um acompanhamento durante e após o parto, para cuidar da criança e da mãe, além de cuidados para aquelas que desejavam interromper a gestação, e auxílio com medicamento e técnicas abortivas, e claro, diagnóstico de patologias particulares do gênero e tratamento destas. As protagonistas nesse ofício, por serem mulheres, tinham mais abertura e confiança de suas clientes, isso ficou visível com o desenvolvimento da área obstétrica e a criação das alas médicas nos hospitais, que a princípio foi rejeitada pelas gestantes. Optava-se pelo atendimento feito pelas parteiras, já familiar e confortável para aquelas que iriam parter, visto que se dispôr ao atendimento médico do sexo masculino num ambiente desconhecido afetava os bons modos e o pudor da sociedade.

Dessa forma, os médicos recém formados, que constituíam a nova área obstétrica depararam-se com dificuldades, receio e desconfiança da clientela feminina, suas famílias e maridos. A partir disso foram desenvolvidas táticas para superar essa barreira e finalmente ter um público alvo para investigar e tratar. Com meios de divulgação do seu trabalho, aproximação das parteiras, e visita na casa de parturientes foi estabelecendo-se uma relação com a clientela e suas respectivas famílias. Além de desvalorizar o trabalho das comadres, expondo-o como de risco e pouco seguro, ou anti-higiênico. O desenvolvimento da ciência auxiliou a sustentar essa teoria, devido a pouca formação de certas profissionais praticantes do ofício da parturição. Transpondo o obstáculo, com novos saberes e políticas higienistas os médicos foram conquistando o espaço das parteiras e tornando-se protagonistas de estudo e cuidado do corpo feminino. Com a fonte escolhida buscou-se analisar e compreender o contexto, a visão do período sobre o corpo da mulher, as protagonistas deste ramo e a compreensão do ofício da parturição como predecessor da medicina obstétrica.

Materiais e métodos

Para elaboração do projeto foram utilizadas fontes documentais da primeira metade do XIX, sendo a principal fonte e guia para a pesquisa um manual de parto publicado em 1830 por uma parteira francesa atuante no Brasil, Estephania Berthon. As fontes secundárias foram teses médicas publicadas pelas Academias médicas no Rio de Janeiro 1846 e na Bahia em 1845, por recém formados que detalhavam as disposições e funcionamento do corpo feminino, e seus menstros.

Compreender o corpo feminino como uma área de estudo requer uma extensa investigação para contextualizar o objeto de análise no recorte temporal/espacial de análise. Para melhor discorrer sobre, recorreremos a autores com base metodológica que pudessem agregar ao tema, como Thomas Laqueur com sua discussão sobre o sexo feminino, além de Foucault com seus conceitos de poder e biopoder como formas de controle social. Não obstante, com viés historiográficos autores como Corbin, ao discorrer sobre o corpo nos séculos, e também Mott e Perrot na análise da história de mulheres e seus ofícios como parteiras.

Os meios de controle social, segundo Foucault, são variáveis de acordo com características de classe, gênero. A construção social sobre o sexo feminino tem sua ênfase a partir do século XIX, o contraste com o século anterior é perceptível por meio das falas que ficavam restritas ao masculino até então. (FOUCAULT, 1994, p.)

O enfoque nas mulheres advém principalmente com a ascensão do meio médico-social, e em função de questões relacionadas à maternidade e a sexualidade feminina, e segundo isto, têm-se então o controle social do feminino majoritariamente através do corpo, e de sua regulação. A metodologia têm como fio condutor os meios de controles do corpo partindo das relações de poder e biopoder estabelecidas por Foucault. Tendo a premissa de que, ao longo da história o controle social do corpo da mulher era constante, existindo antes da avanço de saberes científicos, mas que ganhou maior destaque a partir desses. O controle em suas diversas formas eram exercidos por instituições como a Igreja, o Estado, ou a ciência, demonstrando seu regime por meio da afirmação paradigmas sobre as mulheres, como sua instabilidade, ou por vezes sua associação com a maternidade, a visão da figura feminina variava com o discurso a ser utilizado.

Resultados e Discussão

A partir da construção da pesquisa alguns resultados ficaram mais evidentes, entre eles a importância das parteiras, sejam diplomadas, leigas ou certificadas, em uma área que cuidasse especificamente do feminino, antes mesmo da constituição da área médica obstétrica. Bem como, o papel delas que por meio do seu ofício, principiaram o desbravamento de patologias associadas ao gênero, e o funcionamento do corpo da mulher. Todavia, apesar dos esforços e das novas descobertas, por vezes essas profissionais perpetuavam a visão da mulher associando a função reprodutora, intensificando a associação do gênero com a reprodução. Portanto, vê-se a permanência de paradigmas relacionados ao corpo feminino mesmo após a introdução de novos saberes científicos.

A arte de partejar, é conhecida há séculos, mesmo anteriormente do recorte temporal estudado, tendo registros de partos com auxílio dessas comadres desde o século XV na Europa (SHORTER, 1982, p.36). Sempre contando com o protagonismo feminino em suas práticas, apesar de esporádicas participações masculinas. O papel das parteiras, independente do grupo em que se encontrava, ia além do auxílio para dar a luz ou das doenças intercorrentes disso, essas comadres eram essenciais à saúde da população, e principalmente a saúde da mulher. Por vezes, as parteiras eram as únicas representantes entre os terapeutas populares a tratar e ajudar mulheres, em decorrência do forte pudor existente na sociedade do período.

O papel das parteiras, independente do grupo em que se encontrava, ia além do auxílio para dar a luz ou das doenças intercorrentes disso, essas comadres eram essenciais à saúde da população, e principalmente a saúde da mulher. Por vezes, as parteiras eram as únicas representantes entre os terapeutas populares a tratar e ajudar mulheres, em decorrência do forte pudor existente na sociedade do período. E compreender que, a partir de seus conhecimentos e disposições sobre o corpo das mulheres foi alçado uma via para desenvolver a área de estudo médico, ginecologia e obstetrícia, que acabou por ser ocupada por homens.

Conclusões

Ao estudarmos a visão do corpo feminino a partir de um manual de parto do século XIX, temos como indissociável o papel da mulher com noções de maternidade. No entanto, considerar como única perspectiva, é errôneo; o ofício da parturição como já citado anteriormente, dava abertura para a mulher como indivíduo e suas particularidades, tratando-a além do que seria sua função natural como reprodutora. Os paradigmas a respeito do corpo feminino e seus pudores existiam mesmo dentro de um campo formado por mulheres, mas estas ainda possuíam maior abertura e confiança de suas pacientes, aconselhando-as e auxiliando em patologias, abortos e questões de natureza sexual.

O contexto do período, com o campo da saúde em pleno desenvolvimento com criação de instituições médicas e órgãos reguladores com preposições higienistas acarretaram num descredibilidade dessas profissionais. No entanto, elas continuaram atuantes no decorrer e até o século XX, pela demanda de mulheres que preferiam atendimento de outras mulheres. Dessa forma, o ofício das parteiras possibilitou uma viabilidade e estudo da mulher inaugurados nesse meio, mesmo antes de conhecimentos biológicos, e da criação da ciência obstétrica. O que anteriormente era domínio da Igreja a partir do XVIII tornou-se poderio da ciência, as explicações acerca do funcionamento do corpo feminino, suas diferenças e relação com a sociedade passou a ser ditada com preceitos médicos-acadêmicos. A exploração da mulher para adquirir referências das especificidades existentes entre os sexos tomou uma grande proporção. O desbravamento guiou a maiores informações sobre o órgão reprodutor feminino, e descobertas a respeito do mecanismo deste. Com isso, o que a princípio ficava restrito ao território das parteiras passou a ser reconhecido e estudado nas academias de medicina, e a fundar o alicerce do que se mais para frente iria se consolidar como área obstétrica e ginecológica.

Referências:

- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do Corpo: Da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. v.1; Paz&Terra, Rio de Janeiro/São Paulo, 2017.
- LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Thomas Laqueur; tradução Vera Whately. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001
- MOTT, Maria Lúcia. **Parteiras: O outro lado da profissão**. Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, Niterói, v. 6, n. 1, 2005. pp. 117-140.
- ROSEN, George. **Uma história da Saúde Pública**. São Paulo, Hucitec: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva, 1994.